



A Illustração Portuguesa
SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Eugenio de Castro;—*Os viajantes francezes em Portugal*, por Pinheiro Chagas;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação) por Gervasio Lobato;—*A primeira entrevista*, soneto, por Luiz Guimarães;—*O milagre*, conto, por José Maria da Costa;—*A mulher de quem se falla*, conto, por Daniel Dare;—*Os excêntricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim;—*Romanticismo*, soneto, por Antonio Fogça;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*No Algarve*, (continuação), por Lorjô Tavares.

GRAVURAS:—*O commandante Hériot*;—*Viriato, o pastor dos Herminios*;—*Um espectáculo divertido*;—*Estação do caminho de ferro de Huelva a Sevilha*;—*A rainha Isabel de Inglaterra*.

CHRONICA

Tres horas da tarde. Sua Alteza o Sol, que não apparecia ha quasi uma semana, caminha, melancolicamente, pelo azul, como um doente desenganoado que dá os seus ultimos passeios, todo cheio de magoas e de tristezas.

Estamos no inverno, meus senhores.

O pequenino Hylas da tradição grega, começa a desaparecer nas aguas da corrente, agitando muito as suas mãosinhas de principe e encerrando cheio de melancholia os pequeninos olhos de saphyra.

Na rua, essas rapariguinhas brancas e loiras que vemos desfillar, constantemente, muito repoltreadas nas suas carruagens, começam a apparecer-nos



O COMMANDANTE HERIOT

com os seus pequeninos *bonets* de lontra e as suas capas muito felpudas.

As manhãs passam-se na rua, passeiando com o primeiro que nos vem fallar e comprimentando toda a gente com grandes cortezias affectuosas.

Anoitece muito cedo. Às 8 horas abrem-se os theatros e começam a encher-se os cafés, enquanto cá por fóra vão rodando grandes magotes de carros, com as suas portinholas brazonadas, onde se entrevê de quando em quando uma cabecinha encantadora emergindo de uma grande capa de pelucia branca.

A estas horas, Lisboa tomando uns ares de grande actividade, começa a accender as suas *vitruines* irisadas de côres mirabolantes, enquanto a Lua, muito somnolenta e muito pallida, vae despedindo, caprichosamente, as suas fulgurações que se entrecruzam no azul como um jogo malabar de pedras preciosas.

Entretanto uma nebrina muito intensa começa a cahir sobre os pontos culminantes da cidade, como um grande capuz de arminhos.

Lisboa sente-se feliz. E no entanto um grande cortejo de esquifes côr de rosa começa a desfilar, funebremente, em caminho dos Prazeres, esse arrabalde triste da cidade, que agasalha maternalmente, com o seu manto de terra, os corpos enregelados das creanças mortas na flôr da vida, como o Hylas encantador da velha lenda, que ainda lá vae nas aguas da corrente, agitando muito as suas mãosinhas de príncipe e encerrando cheio de melancholia os seus pequeninos olhos de saphyra.

*

* *

Venho de ler a segunda edição dos *Sonetos e Rimas* de Luiz Guimarães.

Graças á gentil amabilidade de Pinto da Rocha, poeta brasileiro que frequenta actualmente a Universidade de Coimbra, ha proxivamente dois annos que eu li pela primeira vez este mesmo livro impresso em Roma n'uma edição deliciosa.

Esta nova tiragem não seria portanto uma novidade para mim, se não viesse antecedida por um prefacio de Fialho d'Almeida, esse talento de primeira ordem que abriu com a sua prosa esmaltada e colorida o artistico volume de Luiz Guimarães.

Fialho, o querido Fialho dos *Contos* e da *Lisboa galante*, antes de entrar na apreciação dos *Sonetos e Rimas* estuda com uma extraordinaria lucidez as transformações e o estado da poesia actual, fazendo lampear a sua prosa castigada e brilhante como a *vitruine* de um joalheiro do Oriente. E' um trabalho completo, feito com muito esmero e muito talento, que augmenta notavelmente o valor inquestionavel do livro de Luiz Guimarães.

Os *Sonetos e Rimas* são uma colleção primorosa, onde as mais finas subtilezas poeticas vão encastoar-se na filigrana doirada do verso, admiravelmente insculpido com uma elegancia aristocratica e gentil.

E' d'esses livros que nos deixam uma impressão fresca e luminosa, como um perfume de lilaz ou de magnolia, ou como a resonancia d'uma serenata em noites de luar.

A Luiz Guimarães e a Fialho d'Almeida os meus sentimentos de admiração.

*

* *

N'uma das salas de redacção do *Diario Illustrado* assisti, no domingo, á leitura dos *Idyllios dos Reis*, ultimo trabalho do sr. Alberto Pimentel.

Na sala, entre outras pessoas, lembra-nos ter visto:

Julio Cesar Machado, Luciano Cordeiro, Jayme Victor, Sousa Viterbo, Sergio de Castro, Rangel de Lima, Barros Lobo, Candido de Figueiredo, Joaquim Lima e Accacio Antunes.

A's 2 da tarde começou a leitura. O assumpto do poema, deprehende-se facilmente do titulo. Com effeito, os *Idyllios dos Reis* são a reprodução d'essas amorosas tradições realengas, desde a antiguidade biblica dos amores de Salomão, até ao moderno idyllio de Affonso XII com a Rainha Mercêdes.

O verso, contornando sem difficuldade essas amora-veis cabecinhas da lenda, que subjugaram, ardentemente, o coração dos reis, corre espontaneo e facil, mas cheio de gentileza e de colorido.

A *Sandalia* é uma encantadora ballata, muito fina e muito galante, que Alberto Pimentel reproduziu com severidade historica, em estrophes de um bello sabor lyrico.

A *Jarreteira*, o galante e malicioso amor de D. Diniz, D. João IV, *La Vallière*, D. João V em *Odivellas* e muitas outras cujo nome não me occorre presentemente, são deliciosas miniaturas trabalhadas com fino esmero, onde surgem, como n'nm grande cortejo de aparições, as figuras luminosas da *Sulamite*, da amante de rei de Thul, de *La Vallière*, das monjas lendarias de *Odivellas*, da *Montespan*, e emfim de todas essas romanticas do amor, que desataram convulsamente as suas tranças sobre as corôas luminosas dos seus reaes amantes e que agora, no mar da lenda, vão deslisando em noites de lua nas suas gondolas feitas de lilazes e de rosas...

* *

Fallando-me do theatro lyrico, dizia-me hontem um sujeito:

—Detesto S. Carlos por causa da sahida. Minha mulher uma vez, ao sahir do *Roberto*, apanhou uma constipação que se transformou n'uma tysica de que morreu ha seis annos: minha filha esteve ás portas da morte por causa de uma pneumonia que lá apanhou tambem: minha sogra...—

Perdão, meu caro senhor. Tudo isso é verdade, mas então que quer?

N'estas noites d'inverno, quando a lua de prata começa a desaparecer do seu mirante de nuvens e a chuva miudinha e desfeita vae humedecendo essas ruas além, o ambiente confortavel de S. Carlos começa a chamar por nós, como uma rapariga levi-na e gentil que nos acenasse lá de longe, com o melher dos seus olhares e o mais lubrico dos seus sorrisos.

Não ha resistencia possivel: e aos primeiros movimentos da batuta do Mancinelli, o theatro começa a encher-se, apesar do tuberculose de sua esposa e da pneumonia de sua filha.

Ah! como tudo isto é bom! Nos camarotes começam a surgir, entre flocos de rendas e setins, essas pequeninas figuras encantadoras, em cujos braços, d'uma correção d'estatua, flamejam como cobras phosphorecentes as pulseiras de esmeraldas e rubins. Os decotes começam a abrir-se voluptuosamente como as reticencias de uma historieta cheia de malicia...

E depois, á luz muito esbatida das gambiarras, surge, luminosamente, esse cortejo de artistas que despedem em revoadas de talento o sonoro tropel das suas notas de oiro. Ora já vê o senhor que não tem razão na sua antipathia pelo theatro lyrico.

O senhor perdeu a sua mulher e soffreu a doença de sua filha e começou a embirrar com S. Carlos.

Mas por Deus, não seja injusto.

O senhor, em vez de aborrecel'o devia adoral'o, porque lhe posso affiançar que a morte da sua esposa que

Deus haja, seria incomparavelmente mais penosa, se tivesse tido a desgraça de adoecer n'outro logar que não fosse o theatro lyrico.

E depois, creia o meu amigo, não ha passeio mais agradável do que aquelle que se faz de S. Carlos para os Prazeres.

Eu só lhe digo o seguinte: se um dia S. M. a Mor-te vier ter comigo e me perguntar o nome da molestia de que desejo morrer, a minha resposta será esta:— d'aquella que V. Magestade houver por bem destinar-me, contanto que adceça em S. Carlos.—

* *

Casimiro Dantas, director da *Illustração* convidou-me ha dias para escrever esta chronica. Se eu tivesse attendido unicamente á pouca habilidade que tenho para este genero de litteratura, a minha resposta seria uma recusa.

Entretanto, as suas palavras sempre obsequiadoras e amaveis fizeram-me acceder.

Depois de eu lhe ter promettido estas linhas é que poude calcular bem as difficuldades a vencer.

Comecei a pensar: como diabo é que eu me hei-de sahir d'esta?

Estava eu n'estas cogitações, quando me appareceu o Joaquim Lima, que tambem já sabe o que ellas custam.

—Demonio, que tens tu? dizia-me elle, o que succedeu?

Expliquei-lhe tudo: e sabem o que elle fez? riu-se.

Todos nós assim somos. Quando eu estava para fazer exame de latim, eram tão grandes as minhas colicas que cheguei a dizer: se um dia fôr ministro, hei-de abolir este exame.

No dia seguinte os examinadores approvaram-me: e hoje não ha nada que me alegre tanto como ver um estudante de latim em vespervas de exame!

Ora o Joaquim Lima fez o mesmo.

* *

Deram agora duas da noite. Graças a Deus louvado, faltam-me apenas dez ou doze linhas para chegar ao fim da minha chronica.

—São precisos dez *linguados*, dizia-me hontem o Casimiro Dantas.

Se eu tivesse dez letras que se vencessem amanhã, não teria os sobresaltos que me teem dado estes dez *linguados*.

Faltam-me ainda umas quatro linhas. Que hei-de eu dizer até lá? Não sei.

Lembra-me comtudo um expediente. E' este.....

.....
.....
.....
.....
..... E agora, muito bôa noite.

EUGENIO DE CASTRO.

OS VIAJANTES FRANCEZES EM PORTUGAL

O sr. Luiz Ulbach

Com o titulo de *Hespanha e Portugal* acaba de publicar o sr. Luiz Ulbach um livro admiravelmente escripto, e que realmente merece ser lido por nós. Foi publicado primeiro na *Revista litteraria e politica*, e vamos analysal-o brevemente.

Fallemos primeiro do author.

O sr. Luiz Ulbach esteve duas vezes em Lisboa, em 1880 e em 1883. Em 1880 vinha como presidente do Congresso Litterario, em 1883 vinha como simples *touriste*, acompanhado por uma

senhora graciosissima, que era sua filha, uma Franceza perfeitamente elegante e distincta, e que o pae parecia adorar.

Tive a honra de jantar com elles em casa do sr. de Laboulaye, ministro francez em Lisboa, de cuja hospitalidade Luiz Ulbach se lembra no seu novo livro com verdadeiro reconhecimento:

«A minha primeira visita, diz elle, foi, como era natural, para o nosso ministro de França, o sr. Paulo de Laboulaye. Desejo que se recompense em breve, tanto a sua hospitalidade singelamente franqueada aos Francezes como a reserva, o espirito, o tacto diplomatico do nosso ministro plenipotenciario com uma embaixada mais proxima de nós, onde eu possa tornar a vel-o.

E nada mais quero dizer, com indiscripção, para certificar o meu agradecimento e afirmar a minha amizade. Creio ter ainda bastantes amigos no governo francez para esperar que a minha recommendação não seja prejudicial ao sr. de Laboulaye.»

Não foi, como se vio. O sr. de Laboulaye, que era realmente um homem encantador, passou da embaixada de Lisboa para a de Madrid, e acaba de passar da de Madrid para a de S. Petersburgo. Não o prejudicou a recommendação do sr. Luiz Ulbach.

Pois tive a honra de jantar entre Luiz Ulbach e sua filha. O eminente escriptor fallava d'ella com uma complacencia accentuadissima. Era casada, e Luiz Ulbach dizia, sorrindo-se, que a raptára ao marido para a trazer consigo na sua viagem.

Je suis un père ravisseur, dizia elle.

—*Me voilà donc*, disse eu, *entre un père ravisseur et une fille ravissante*.

Deus meu! peço perdão, mas bem vêem que estava naturalmente indicado e que se não podia perder.

Tambem Luiz Ulbach, em presença d'esta phrase que tinha o merito de ser amavel e de lhe acariciar suavemente a vaidade paternal, sorriu-se para mim affectuosamente, e tratou-me d'ahi por diante com uma benevolencia inquestionavel.

Pois não estava muito nos seus habitos, Luiz Ulbach tem muito talento, mas mentiria se affirmasse que é extremamente sympathico. Gordo, com oculos, de physionomia carregada e desdenhosa, olha por cima do hombro para todos aquelles que não podem dizer: *Civis gallus sum*.

Este defeito é mais frequente do que se imagina entre os Francezes, que sabem disfarçal-o com umas exterioridades extremamente polidas; mas o desdem pelo barbaro está no fundo de todas as suas phrases, e de todos os seus modos.

Encontrei-me pela primeira vez com Luiz Ulbach em 1880 no Congresso Litterario. Eu estava convalescente de uma doença cruel, pallido e abatido, elle florido e rosado. Fiz-me apresentar. Estendeu-me dois dedos com uns modos protectores.

—Entre muitas das suas obras, que leio e admiro, disse-lhe eu, ha uma que se liga com as mais agradaveis recordações da minha infancia. E' um pequeno conto que foi uma das primeiras obras litterarias que eu li. Intitula-se o *Demonio do lago* e refere-se, como sabe, á existencia de Maria Stuart. Não imagina como tenho presentes na phantasia todos os pequenos episodios d'esse delicioso conto. A Maria Stuart que eu tenho na imaginação é a sua, é a Maria Stuart do seu romance, Vejo-a aterrada cair desmaiada nos braços das suas pequenas companheiras, quando o Kelpy, o demonio do lago, lhe apparece pela primeira vez entre as fauces verdes das ondas batidas pelo temporal, e parece-me que assisto á scena da fuga do castello de Lochleven, quando o barco desliza silenciosamente pelas aguas, e que a rainha melancholica se lembra com saudade de todos os episodios da sua vida, emquanto Douglas, o seu timido adorador, atira ás aguas as chaves do castello. Posso afirmar-lhe que foi a sua imaginação a que primeiro me deu estas grandes e deliciosas commoções, e não calcula o prazer que tenho em poder apertar a mão que escreveu as phrases que tão deliciosamente me impressionaram.

Luiz Ulbach ouviu silenciosamente este longo arazoado, e respondeu-me com uma frieza desdenhosa:

—*Peuhl! Une œuore de jeunesse!*

E depois accrescentou, quasi voltando-me as costas:

—Foi publicado no *Museu das familias*.

Seria, mas eu é que jurei nunca mais lhe fallar nem nas suas obras de mocidade, nem nas suas obras de velhice, tivessem ou não sido publicadas no *Museu das familias*.

E murmurei de mim para mim:

—Que santo bruto!

Evidentemente nunca mais troquei com elle senão umas phrases banaes de cumprimentos.

Presidia ao Congresso Litterario com muito acerto, e a primeira vez que o ouvi fazer um discurso, perdoei-lhe a sua pouca amabilidade.

Fallava muito bem. Discursava de um modo um pouco declamatorio, mas com extrema correcção e notavel finura.

Tambem aquelles modos não implicavam desconsideração por pessoa alguma; era feitiço.

Quando no banquete da Academia fiz um brinde em francez, Luiz Ulbach, descendo a escada do Arsenal, disse-me, com um modo muito frio e desdenhoso, as coisas mais amaveis d'este mundo.

Encontrei-o de novo em 1883, á mesa do sr. de Laboulaye. O meu madrigal tornára-o mais expansivo comigo, e sentados no delicioso *fumoir* do sr. de Laboulaye, conversamos largamente, ou

antes fallou elle sósinho. Não me podia habituar ao seu modo. Gelava-me todas as minhas expansões. Expoz-me as suas idéas acerca da moderna litteratura franceza, mostrou-me a sua profunda admiração por Lamartine, dizendo-me que havia dois assumptos que tinham de ser sempre as grandes inspirações da poesia: Deus e a natureza.

Este programma excluia o meu adorado Musset, e protestei. Encolheu os hombros com um ar de desdem profundo.

Decididamente era indomesticavel.

D'esse *fumoir*, e em geral do palacio do marquez de Abrantes onde está a legação franceza, lembra-se elle no seu livro, porque o descreve da seguinte forma:

«E' uma das casas mais vistosas, com um dos jardins mais bellos da cidade.

Salões immensos, abobadas de regia dimensão, com uns frescos que fazem lembrar os palacios romanos, uma vista incomparavel sobre o Tejo, bosquesinhos de pimenteiros, geraniums extravagantes que são arvores, heliotropus que trepam aos tectos para embalsamar a atmosphera mais de cima, plantas que chamamos gordas em França, onde são rachiticas, e que são alli maravilhas de elephantiasis, que nós pomos á sombra em Paris e que dão sombra em Lisboa; uma flora inaudita, assombrosa, que principia a fazer-nos comprehender os scenarios de certas magicas, taes são as primeiras delicias d'este palacio onde fluctua a bandeira tricolor.

Comtudo, alguma coisa falta a este bello jardim, assim como a todos os jardins de Lisboa: é a herba simples ou requintada, a relva banal. Uma planta de um verde brando que se accomoda com todas as temperaturas, a cabelleira de Venus substitue-a e não a faz esquecer: os Francezes prefeririam a trunfa de uma herba normanda.

Imagino que o sr. de Laboulaye pensa como eu penso. Ao voltar da miuha primeira viagem a Hespanha, quando vi, ao approximar-me dos Pyreneus, os primeiros valles verdejantes, tive vontade de me apeiar do comboyo, de arrancar herba, e quasi de a comer. E afinal de contas não podia ser peor que a cosinha ibérica, porque demais a mais comia-a sem azeite.

Preciso de observar que os proprietarios d'esta residencia não pertencem á familia de Junot, e que são uns Abrantes de antes da conquista ephemera de Portugal por Napoleão! Devem o seu nome á mesma aldeia da Estremadura, a que o deve o soldado victorioso, mas não foi por sua vontade que o repartiram.

«Uma particularidade artistica d'este palacio é um pequeno salão, um fumador, cujo tecto em forma de cupula, está completamente guarnecido de porcelanas, de faianças do Japão, penduradas ali ha seculo e meio, e que enriqueceriam um antiquario de profissão da mesma forma que deleitariam um antiquario amator. Os marquezes de Abrantes deixam suspensos por cima dos seus inquillinos essa corôa esplendida, que prova muito em favor da probidade do exercito de Junot quando por ali passou. E' verdade que se dava n'essa epoca menos apreço do que hoje aos productos do Japão».

Parece que Luiz Ulbach imaginou que o exercito de Junot acampou no palacio de Abrantes. Pois nem sequer o general lá esteve apezar de ser tambem um Abrantes, por obra e graça do imperador Napoleão I.

Ora já é contentar-se com fracos argumentos para louvar a probidade de um exercito no seculo XIX o reconhecer que os soldados não arrombaram as portas das casas particulares, não fecharam as familias n'um quarto, e não arranjaram escadas para irem arrancar dos tectos das salas ás porcelanas que lá estavam.

Essa prova de probidade deram-n'a effectivamente os soldados de Junot; mas não deram mais nenhuma.

Continuaremos.

PINHEIRO CHAGAS.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 17 DO 3.º ANNO)

VI

Era uma vez um Fonseca!

Essa singular sympathia da opinião publica surprehendeu extraordinariamente o conselheiro Malaquias e até o proprio Silveira, que lhe dissera estupefacto:

—Fossem lá advinhar uma d'estas!! Você tinha medo do fiasco que produziria o nome do Fonseca no ministerio, e esse nome é o unico que é bem recebido pelo paiz! Nós desapparecemos todos perante elle, a alma do gabinete para o publico é o Fonseca! Não lá contar com isto!

As surpresas que o Fonseca como ministro havia de trazer aos seus collegas do ministerio, não paravam porém ahi.

O Fonseca, esse pobre pateta, ou antes esse rico pateta que

o Silveira fizera ministro em paga da sua eleição, reservando-se para, em signal de reconhecimento pelos favores recebidos, lhe gerir a pasta, lhe preparar os despachos e lhe fazer os discursos, o Fonseca, esse insignificante cuja incompetencia absoluta e reconhecidissima até pelo seu proprio amigo, que fizera questão ministerial da sua entrada para o gabinete, que propozera a candidatura d'elle como condição indispensavel de acceitar a sua pasta, o Fonseca apenas sabiu do paço ministro d'estado mudou completamente como se o tivessem virado de dentro para fora.

Delicadissimo para com todos, d'uma urbanidade excessiva até para com toda a gente, tendo sempre a porta do seu gabinete aberta para receber quem quer que fosse, que o procurasse, o Fonseca, sem deixar de ser amavel e cortez para com os seus collegas começou a tratá-los com uma grande gravidade, com uma independencia de bom tom, que causou profunda estranheza.

E ao passo que cá fora, pela sua affabilidade, pela maneira franca e despertenciosa com que acolhia toda a gente, o Fonseca começou a ter uma grande popularidade, uma aureola enorme, lá dentro no gabinete, os seus collegas muito intrigados com elle, não sabiam bem se deviam sangar-se, se reformar o seu juizo acerca d'elle e tratá-lo como um homem realmente superior, do que tomava todas as exterioridades.

Um dia, logo ao principio da vida do ministerio, o Silveira, constando-lhe que n'um negocio d'um amigo politico dos seus, que corria pelo ministerio da Fazenda, o Fonseca se mostrava reninente a um despacho favoravel a esse amigo, foi procurá-lo muito desembaraçado, tendo promettido ao pretendente a boa resolução do negocio, como se de si dependesse, e disse ao Fonseca, n'um tom de pedido, que era uma ordem:

—Olhe lá, meu caro Fonseca, você vae já já despachar esse negocio a favor de Fulano.

O Fonseca recebeu-o muito delicadamente, com grande affabilidade, mas respondeu-lhe:

—Não lhe posso prometter por ora, meu bom collega, examinarei o negocio com vagar, e verei o que se pode fazer.

—O' homem! tornou o Silveira mordendo os beiços: isso é uma coisa urgente, e eu prometti a Fulano servil-o.

—Fez muito mal, meu caro collega, eu nunca prometti a ninguém a resolução de negocios que correm pela secretaria do Reino.

O Silveira fez-se vermelho como um lacre e teve vontade de estourar ali com aquelle pateta que lhe devia a elle só a elle a sua pasta e que lhe respondia com aquelles ares.

N'isto porém entrou mais gente no gabinete, metteram-se varias conversas e o Silveira sabiu, limitando-se apenas a lembrar-lhe que visse o que podia fazer.

No dia immediato o Fonseca, no conselho de ministros, communicou ao Silveira, com muito bom modo, com um ar muito penalizado:—que não podia fazer nada ao seu protegido, e que tinha mandado lavrar decreto nomeando outro para o lugar que aquelle pretendia.

O Silveira foi aos ares.

—Isso não pode ser! gritou enfurecido, Fulano é meu amigo pessoal, é nosso amigo politico, eu garanti-lhe a nomeação e...

—Peço perdão para lembrar ao meu bom collega que o ministro da Fazenda sou eu, que quem faz o despacho sou eu, e que portanto só eu posso garantir as nomeações do ministerio que está a meu cargo.

—Está a brincar comigo, disse o Silveira, convencido realmente de que o Fonseca gracejava, por que não podia admittir que aquillo fosse a serio.

—Não brinco, dou-lhe a minha palavra, meu caro Silveira. Pessoalmente, particularmente, o meu amigo manda em mim, faço tudo que quizer: como ministro só quem manda em mim é a consciencia e a justiça...

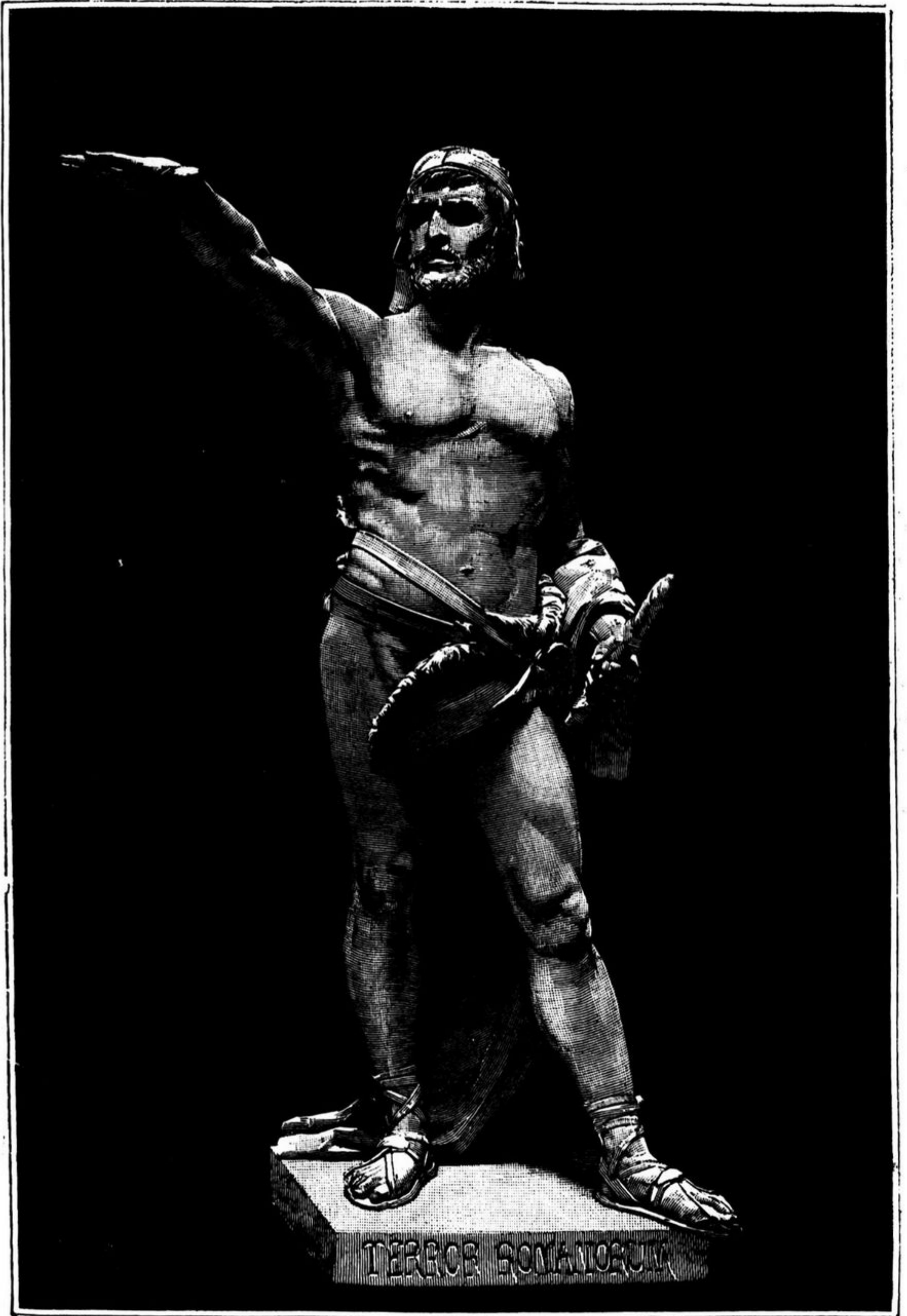
—Mas esse homem que vae nomear ninguém conhece, nunca nos fez os mais ligeiros serviços, enquanto que o outro é um amigo que tem sido muito prestavel e que pode ser amanhã um inimigo perigoso.

—De certo, de certo, auxiliou logo o presidente do conselho, é indispensavel nomeal-o.

—Pois meus bons collegas, a mim são-me inteiramente indifferentes os serviços que os candidatos prestam ou não de prestar aos partidos: só me regulo por aquelles que elles tem prestado ou podem prestar ao paiz, ao serviço publico do Estado, que me nomeou seu secretario, e por isso amanhã levo a El-Rei o decreto da nomeação do outro, que é a unica de justiça.

O presidente do conselho e o Silveira insistiram furiosos, e por fim o Silveira, não podendo conter-se mais, atirou á cara do Fonseca com todos os favores que lhe fizera, narrou-lhe todas as repugnancias que tivera que vencer, e disse-lhe ali, em voz alta, diante dos collegas, o que todos pensavam e diziam d'elle em voz baixa.

O Fonseca ouviu tudo isso fazendo-se ora rubro, ora pallido, e por fim, conseguindo dominar-se, não esqueceu a lição que lhe ensinára cuidadosamente a sua amante; e quando o Silveira, esbafoado e aliviado, acabava de despejar tudo o que tinha lá dentro, o Fonseca poz-se em pé e com uma grande serenidade, um sangue frio que admirou todos, um sorriso bem estudado nos labios, disse:



VIRIATO, O PASTOR DOS HERMINIOS

—Creio que tudo isso seja assim e agradeço muito ao meu caro sr. Silveira o trabalho que teve por minha causa.

O Silveira que esperava tudo menos este agradecimento dito com aquella bonhomia superior, ficou embaraçadíssimo.

—Mas agora o que lhe peço, diante de todos os meus collegas, e que lhe heide pedir amanhã perante o parlamento...

—O parlamento? interrompeu o presidente do conselho muito admirado.

—Sim senhor, porque faço tenção de levar esta questão ao parlamento.

—Qual questão! não ha questão nenhuma, atalhou logo, com ares muito amigaveis, o Silveira, comprehendendo que a cousa tomava um aspecto serio, e procurando deitar agua na fervura.

—Não, meu caro amigo, isto não fica assim. Eu peço desde já aqui a minha demissão; amanhã explicarei a-hei ante o paiz, no parlamento e na imprensa, explicarei como por eu persistir energicamente a fazer uma nomeação injusta vim a saber pelos meus collegas, a maneira pouco airosa, porque, sem o sollicitar de forma alguma, a amizade, a boa amizade do sr. conselheiro Silveira conseguiu metter-me no ministerio. E apelando para a lealdade e para a palavra sempre cavalheirosa d'esse meu amigo, eu peço-lhe a fineza de declarar hoje aqui e amanhã na camara, se alguma vez eu lhe disse a mais ligeira palavra, que podesse ter visos, já não digo d'um pedido, mas apenas d'um desejo, d'uma ambição, de me sentar nas cadeiras do poder.

—Nunca, isso é verdade, nunca, respondeu cada vez mais embaraçado o Silveira, e eu lamento muito, n'um momento d'exaltação, tel-o offendido, exagerando umas scenas que não se passaram precisamente assim.

—Bom, bom, interrompeu o presidente do conselho, isto não tem nenhuma importancia, isto não vale nada, questões entre amigos.

Vamos discutir os nossos negocios...

—E eu retiro-me, disse o Fonseca, muito risonho, porque desde este momento deixei de pertencer ao ministerio e portanto nada tenho que fazer aqui.

—Qual historial O senhor não sae, eu não apresento a sua demissão a El-Rei.

—N'esse caso, apresentar-lh'a-hei eu pessoalmente.

Os collegas todos, a começar pelo Silveira, insistiram, supplicaram, mas o Fonseca estava inabalavel, resistiu a todos os pedidos, e mettendo-se no seu trem, foi para a sua casa.

Estava contando o passado a Antonina, que o applaudia muito, por ter tão bem cumprido as suas indicações, quando pararam á porta cinco ou seis carruagens, e o criado veio annunciar-lhe que estavam na sala o sr. presidente do conselho e todo o ministerio.

(Continúa).

GERVASIO LOBATO.

A PRIMEIRA ENTREVISTA

Ella não tarda. Disse-me que vinha:
Mas quem sabe! Se acaso acontecesse
Qualquer cousa imprevista e não viesse!
Oh! Deus do ceu! Que situação a minha!

E este relógio vil que não caminha!
E o tempo! uma hora apenas, e parece
Noite fechada já! Ah! se chovesse!
Mas não: alguém tocou á campainha.

Alguem subiu veloz a minha escada:
Ouço um rumor de seda machucada
E uns miudinhos, uns nervosos passos...

Duvido ainda! Espreito delirante:
Abro a tremer, e toda palpitante
Ella cae a sorrir entre os meus braços.

LUIZ GUIMARÃES.

O MILAGRE

Quando o José da Francisca e a Anna da Grota se casaram, houve um festão na aldeia dos Arrifes. Ella, filha de rendeiros medianos, levava em dote uns 7 alqueires de terra de sementeira e uma casa abarracada. Elle, levava a força do seu braço, a sua mocidade e a experiencia do amanho das terras. Ambos eram jovens.

Sorria a aurora no dia do casamento, sorriam os amigos, sorria a familia. A's onze horas, o cura paramentado, esperava os noivos com a indiferença sacerdotal que os ingenuos tomam por uma manifestação externa de respeito e attenção ao acto.

Subito, uma carruagem da cidade, atravessou ruidosamente a rua principal da aldeia levando ao auge o espanto da insignificante povoação. Um official do exercito, em grande uniforme, chapéo armado e emplumado, todo cheio de douraduras, acompanhado de sua esposa, uma joven morena, vestida elegantemente de seda verde esmeralda e rendas creme, desceram da carruagem e entraram na humilde habitação dos noivos.

O official era o filho do senhorio das terras de que o sogro do noivo era rendeiro, e havia sido convidado para padrinho.

Minutos depois o cortejo punha-se em marcha, a pé para a igreja, dando na vista a toilette da madrinha e fazendo uma sensação de todos os diabos a espada do official, arrastando na calçada. Havia garoto que abria os olhos até ás orelhas. Era soberbo!

Depois da cerimonia no templo, houve o jantar do estylo em casa do pae da rapariga, e inutil será descrever este pantagruelico e rustico banquete, onde hymalaias de carne cozida e assada desappareciam nas escancaradas fauces dos convivas, convenientemente empurrados com tremendos copos de vinho da terra.

No fim do banquete, que durou da 1 ás 5 da tarde, os noivos, segundo o costume, foram conduzidos prociSSIONalmente á sua nova habitação, não passando os convidados da porta, d'onde se avistava perfeitamente todo o interior da casa e o leito nupcial ao fundo, alto como um throno, coberto de purpura barata de Alcobaca... O rodapé engommado, o travesseiro de folhos longos e as duas almofadas com duplo folho de cambraia. Um *chic* aldeão de primeira agua.

Decorreram annos, e na historia humilde do José da Francisca deram-se peripecias das mais graves. Ha dramas na vida mais miseravel, escondida ao canto d'nma aldeia, do mesmo modo que os ha no mais recondito bairro de uma grande cidade. As causas são as mesmas: a miseria ou o vicio.

Morrera o pae da Anna, e a liquidação do casal fôra para pagar dividas creadas nos ultimos annos de secca, phenomeno trivial nos Açores.

Sem o auxilio e sem os conselhos do sogro, o nosso Francisco ia vendo embrulharem-se cada dia mais os seus negocios. Felizmente, tinha-lhe Deus dado só um filho; era uma pequenita encantadora, que servia de consolação á Anna, no meio dos desgostos da sua vida. Porque, o José, como todos os homens rusticos, sem ideas e portanto sem expediente, irritava-se contra os obstaculos imprevistos, sem os saber transpor ou rodear. Habitado a semear e a colher cereaes, não lhe vinha á idéa outro meio de vida e encontrava-se desarmado diante da terra infecunda, olhando-a pasmado como os animaes seus companheiros ao arado.

O tempo é implacavel, e portanto as rendas das terras iam-se vencendo, o gado ia fazendo a costumada despeza diaria, as contribuições succediam-se com uma regularidade pasmosa, cujo segredo possuem os escrivães de fazenda.

Por uma nevrose facil de observar em todos os indivios atacados de crise economica, o José, atirou-se desesperado ao turbilhão dos prazeres grosseiros do vinho, do jogo e das mulheres.

Ja todos os dias á cidade embriagar-se, isto é, esquecer-se; frequentava as espeluncas do jogo, agarrando-se á derradeira taboia da esperanza; e não duvidava trahir a esposa, com amantes faceis, porque ellas não lhe fallavam em negocios.

Principiou a ir alta noite para casa, fazendo longas caminhadas a pé, extenuado da orgia, molhado da agua, pallido do vicio. Acabou por se deixar ficar semanas inteiras no debiche, indo a casa de relance. A's recriminações da esposa, respondia com o argumento do padre José Agostinho de Macedo—o cacete.

Todo o mobiliario estava empenhado, todo o immobiliario vendido. A catastrophe final precipitava-se.

A esposa já não tinha quem fiasse d'ella, valor de cinco reis. Todos a lastimavam, mas já se achavam cansados de soccorrel-a.

Um dia, acabou-se tudo. O José, segundo o costume, quiz levar para a cidade algum objecto que fosse vender, para atirar ao sorvedouro da taberna, do jogo e do prostibulo; mas a pobre Anna declarou-lhe que só se a levasse a ella, para a empenhar tambem.

Elle, pallido como um assassino, exclamou com os dentes cerrados:

—Oh! alma do diabol! Deixa estar que hasde ir mas hade ser para o cemiterio.

A rapariga estremeceu como um vime açoitado pelo vendaval, e encarando n'elle, leu-lhe plenamente no sorriso cruel a phase terrivel em que o debochado passa a ser criminoso; em que deixa cair o copo para empunhar a navalha; em que a ultima esperanza é substituida pela perspectiva da costa d'Africa.

E a misera aproximou-se instinctivamente da porta da rua. O marido, adivinhando lhe a intenção, deu um salto de tigre e collocou-se entre ella e a porta, sem dizer palavra, encarando-a sinistramente.

A pobre, julgando-se perdida, afastou-se cambaleando, esforçando-se por não succumbir á commoção. Esta scena muda, era medonha.

De repente, a infeliz sentiu um estalido metallico, e voltando a cabeça vivamente, viu, com intraduzivel horror, uma navalha de ponta e moia, aberta na mão do marido. Não pôde mais e soltan-



UM ESPECTACULO DIVERTIDO

do um grande grito, correu para o quarto proximo, onde estava a filhinha, creança de pouco mais de tres annos, dormindo com a tranquillidade da innocencia.

O malvado correu porém sobre ella, agarrando-a pelos cabellos, e arrastou-a violentamente para a casa da entrada, no meio de horriveis blasphemias. A rapariga conseguiu ainda desprender-se d'elle e levantando os olhos para uma doce imagem da Virgem, que se elevava sobre uma alta peanha em cima d'uma mesa de pinho, teve como que uma subita inspiração, e afflictiissima, correu para a banca, abraçou-se à Nossa Senhora (uma esculptura muito regular, de madeira), exclamando com ancia:

—Minha rainha dos ceus! Valei-me!...

No mesmo momento, sentiu-se agarrada fortemente pelos dois braços robustos do marido, e julgando chegada a sua ultima hora, fechou os olhos, sem comtudo se desprender da imagem.

O miseravel, vendo isto, deu-lhe um empuxão, com tal força, que a desgraçada foi cair desamparada no sobrado, arrastando na queda a Virgem, que se fez em pedaços.

Dois gritos distinctos partiram do peito da Anna e do marido. Ella, soltára um legitimo grito de horror ao cair em cima da imagem sagrada. Elle, um grito d'espanto, ante o extraordinario espectáculo que se lhe deparava á vista.

Debaixo da esposa, prostrada por terra, saia um rio de moedas d'ouro, enormes, reluzentes, bellas peças antigas, de lei.

A imagem era ocal

Ante a vista do ouro, a colera do José desapareceu como por encanto. Ajudou com meiguice a mulher a erguer-se e fel-a verificar com assombro a riqueza inesperada que lhes caía do ceo aos trambolhões...

A pobre rapariga caiu de joelhos e d'esta vez sem receio, ao lado do marido, murmurando agradecimentos à Virgem e a Deus, que tão grande milagre tinham feito. Em seguida, fez um sermão ao marido e demonstrou-lhe que não seria digno do milagre feito por Nossa Senhora, se não se emendasse.

A superstição do José era n'elle, como em todos os campônios, poderosa, e venceu os outros sentimentos. Perdoaram-se mutuamente as injurias. O José regenerou-se e veio a ser um lavrador abastado. Uma coisa lhe picava a curiosidade: saber como tinha sido recheada a imagem da Virgem. Tanto indagou que veio a saber, que a imagem fóra vendida ao sogro por um famulo de um convento, em seguida ás grandes luctas civis da liberdade.

Nem o famulo nem o sogro, que morreu pobre, jámais suspeitaram de uma tal mina.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

A mulher de quem se falla

Não se trata agora de uma aventureira e muito menos ainda de uma mulher de posição equivooca, pelo contrario a mulher em questão possui um marido incontestavel, que ella exhibe duas ou tres vezes por anno nas cerimoniaes de familia e nos jantares officiaes. Tirado d'isso, leva uma vida de rapaz; janta aqui, almoça acolá, monta a cavallo pela manhã com alguns amigos, corre os theatros populares e os *restaurants* da moda, com uns companheiros alegres, onde se encontram maior numero de esposos feitos celibatarios e de mulheres viúvas ou desquitadas do que familias honestas e amigas; acceita os convites que lhe fazem para villegiaturas ou caçadas, vae sempre sózinha, e chegou mesmo a fazer uma viagem ás origens do Nilo, emquanto o esposo foi procurar, nos confins da Moldavia, o microbio de um cholera aperfeiçoado.

A mulher de quem se falla tem espirito, alegria e um *entrain* capazes de despertar as estatuas de um museu.

Onde ella está, é preciso que haja animação, que se ria, que se cante, emfim que haja movimento desde pela manhã até á noite. Reune toda a gente nas suas espantosas *quadrilhas*, inclusive as velhotas e os coxos! Improvisa charadas indecifráveis, bailes de mascaradas ao ar livre, e montanhas russas no meio de qualquer sala.

Este dom de vida, este bello humor, que accorda os mais adormecidos, fazem com que seja procurada por aquelles que desejam divertir-se. Em compensação, é temida, como um flagello, pelos maridos ferozes, e pelas mães timoratas. Tanto uns como outros receiam, para a donzella ou para a esposa, cuidadosamente guardadas á sombra do lar, o exemplo e o contacto d'esta pessoa excentrica, que por onde passa deixa a sua nota de estavada.

E quando alguma d'entre estas castas ovelhas pergunta, com um ar admirado, quem é esta mulher tão alegre cuja presença põe em confusão todas as familias; as preceptoras e os maridos zelosos respondem sempre:

E' a senhora... uma mulher de quem se falla...

Basta a maneira como dizem isto ás ovelhinhas, para estas perceberem que não se devem alargar em mais perguntas a respeito de S. Ex.^a

Evidentemente, trata-se de cousas cheias de mysterios, de crimes, que se julga, a maior parte das vezes, advinhar, mas que se não pode precisar...

As meninas educadas com menos reserva levam, porém, mais longe as suas investigações, e cheias de curiosidade, proseguem:

—Mas que faz ella?... O que se diz?...

E com um ar cada vez mais carrancudo, as mães e os maridos multiplicam as accusações cheias de sub-entendidos...

—Conhecem-se-lhe intimidades suspeitas, ostentadas com um descaramento, que equivalem a uma confissão. E depois, como se poderia acreditar na virtude d'uma mulher que vive com seu marido, como se o não tivesse, ou como se uma convenção tacita os fizesse extranhos um ao outro?...

Bella por isso mesmo, loucamente *coquette*, sempre bem posta, infatigavel no prazer... e na tal existencia força os commentarios...

No fundo, ninguem appoia estas apreciações realmente inequivaveis, d'uma prova material;—mas existem apenas as apparencias? Ora, n'este ponto, fervilham as anedoctas, cita-se esta, aquella, e depois uma outra ainda...

—E debicarl!

E' tão agradável debicar n'uma reputação, abril-a como um fructo maduro e espalhar aos ventos as migalhas! Quantas gentis *gallinhinhas*, quantos *gallos* entufados, como o rei que por um cavallo dava o seu estado, dariam as suas vermelhas christas, para lhes permitirem essa alegria!

A mulher de quem se falla é, ha muito tempo, a presa da malicia de todos os bipedes de bico aguçado. Não sem razão talvez, a sua conducta é investigada, suspeitada, julgada, condemnada sem appello:—todas as cousas, de que parece não se occupar, provam n'ella uma obstinação rara ou uma estranha impertinencia.

A sua teimosia chega a ponto de não esclarecer, uma vez sequer, a sua situação, por um escandalo publico, evidente, que tranquillisaria as almas amedrontadas, e regalaria os papalvos.

Preferê, emquanto é nova e agil, continuar a viver a seu modo, sob o pavilhão neutro do seu marido pouco massador, deixando de resto, toda a latitude aos curiosos para mostrarem sobre os seus factos e sobre os seus gestos, a agilidade da sua lingua e a sagacidade do seu espirito.

Um pouco mais tarde, achal-a-hemos, com outros modos. Então ella presidira ás obras pias, frequentará as egrejas e fará a consolação do bispo da sua diocese, ao mesmo tempo que tratar da reedificação da igreja.

Ha tempo para tudo.

DANIEL DARG.

OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

Mestre Coelho

Andava tudo em polvorosa com elle na caixa do theatro de D. Maria II! Era o typo de um Alcides de Circo, menos a elasticidade; a força de um Hercules, menos a inclinação para matar hydras, e andar pelo mundo a praticar façanhas.

Mestre Coelho era um simples carpinteiro, mas carpinteiro de theatro, uma especie de general em chefe, com os seus capitães ás ordens, os seus soldados; uma turba-multa, emfim, de manequins que sobem, que descem, que içam pannos, que descerram alçapões, que atropelam as actrizes, que interrompem os colloquios mais bem auspiciados, que zombam de tudo, o que não seja o apito do mestre.

Mestre Coelho era um homem baixo, reforçado, de cara rapada, de modos resolutos; independente no exercicio das suas funcções, e obedecendo apenas por amizade ao Epiphanio, quando este, mascando a ponta do seu charuto de dez réis, lhe dava um berro que era como para-raios a um socco de mestre Coelho, ameaçando já de perto a cara de um comparsa resmungão.

Nas recitas ordinarias, sem grandes mutações de scenas, nem rasgados movimentos da comparsaria, mestre Coelho, de braços cruzados atraz das costas, mas d'olho sempre alerta, passejava pelo palco indifferente á mandriice dos seus subordinados, como um capitão de navios de longo curso olha desdenhoso para o barco que sulca sereno as ondas azuladas do Tejo.

Mas que lhe confiassem, portas a dentro de casa, a direcção do movimento do scenario de um drama de grande espectáculo como o «Tributo das cem donzellas» «A Prophecia» «O Templo de Salomão» e então é que era assistir a uma verdadeira Trafalgar do nosso Nelson!

Que gritaria a do nosso homem! Que suar aquelle! Que pragas d'alta novidade, como dizem os caixeiros das lojas de modas! De baixo que era, o mestre Coelho tornava-se gigante. Faiscavam-lhe os olhos, crispavam-se-lhe os nervos, tornavam-se-lhe rubras as faces, bracejava, empertigava-se, enrouquecia.

Na «Prophecia» principalmente, mestre Coelho multiplicava-se, e excedia-se a si proprio. Elle queria ficar bem conceituado

na opinião de D. José de Lencastre, o auctor do drama; em boa paz com o Epiphanio, que era caprichoso na pontualidade das evoluções scenicas; amigo como d'antes, do João Anastacio da Rosa, que era como se lhe tirassem os dentes vér malbaratadas as suas theorias d'artista; finalmente de bom accôrdo com os quatro actores que em doirados palaquins, ostentavam as suas perolas falsas aos olhos ávidos da saloiada dos arredores de Lisboa.

E mestre Coelho radiante no meio d'aquillo tudo! A saber que sem elle o Tasso não seria nada, nem a Soller apanharia a trovada de palmas com que todas as noites era recebida! Elle nunca tinha lido Horacio, mas conhecia mais de um barbeiro, e sabia, sem o poeta lh'o dizer, que a pedra de amollar não corta, mas afia; e como a pedra de amollar se considerava, quando superentendia no machinismo de um drama de grande espectáculo.

Filho de carpinteiro, pai de carpinteiro, e não sabemos se tambem neto de carpinteiro, mestre Coelho tinha a sua arte como um sacerdocio, e não admittia que os profanos lhe dessem conselhos e d'ahi as suas turras com o João Anastacio Rosa, e os seus annos com o Epiphanio, que ás vezes contrariava com as marchas dos seus pretorianos o momento opportuno de uma mudança de bastidores.

Mestre Coelho gabava-se—entre gostos não ha disputas—de preferir uma boa garrafa de vinho, a uma mulher bonita, e por isso não admira que o era cercado das cem problematicas donzellas, do drama que com este appetoso titulo se infetava, ora em plena tribu dos filhos d'Israel, a castidade de mestre Coelho nunca se desmentisse, apesar de muitas d'ellas, todas, seria mais franco affirmar-o, serem capazes de quebrar as amphoras na fonte, fascinadas pela amplidão dos pulmões do mestre dos carpinteiros do theatro de D. Maria II.

Uma originalidade *sui generis*. Mestre Coelho quando o palco se despovoava para ir espreitar pelas fendas dos bastidores a Emilia das Neves, que entrava na scena radiando nas «Proezas de Richelieu» macerada e coberta de andrajos na «Magdalena» ou inspirada e formosa na «Judith» era o unico bipede que se deixava ficar quêdo ao fundo do palco, como perguntando a si mesmo: que tenho eu que ver com as glorias alheias?»

Rios de lagrimas que corressem na platea, ou francas gargalhadas que atroassem a sala de espectáculo, tudo lhe era indifferente menos o commando da cohorte que lhe fôra confiada. Se uma ou outra vez chegava ao proscenio a espreitar pelo oculo do panno de bocca, era para vér a Senhora D. Maria II, que ria a bandeiras despregadas das facecias do «Baile de creados» aligeirando os cuidados de reinar, com a critica das farças salgadas á portugueza.

A rainha, a senhora D. Maria II, não disfarçava a sua predilecção pelo genero comico, de preferencia ás lamurias do melodrama.

Se alguma festa da côrte a forçava a ir ao theatro, já a direcção esperava de vespera indicação de Sua Magestade, para que fosse posta em scena esta, ou aquella farça mais do seu agrado. Enquanto o Epiphanio e o Tasso deitavam os bofes pela bocca fôra procurando commovel-a no drama, a rainha espairecia e bocejava por vezes. Mas chegada a farça, toda ella era ouvidos, e apesar da sua nunca desmentida gravidade, o Sargedas, o Theodorico, a Barbara e a Delfina operavam o milagre de a fazer rir, d'este riso franco que faz chegar as lagrimas aos olhos.

Mestre Coelho morreu não ha muitos annos, ignoro de que doença, mas se me pergutarem de qual, vou em apostar que foi de apoplexia, tão curto tinha elle o pescoço, e tão vermelho era de cara.

Morrer sem dynastia; é o que se chama abalar de vez cá d'este mundo. Mestre Coelho não teve esta idéa a amargar-lhe os ultimos momentos. Legou o sceptro a seu filho Antonio, o actual mestre dos carpinteiros do theatro de D. Maria II, que em rapaz se differençava do pae em gostar das israelitas do «Templo de Salomão» não virando tambem a cara ás bailarinas que destraiam o rei sabio por excellencia, o emulo de Confucius, o patrono secular da maçonaria de todos os ritos.

Maia Ferreira

Um verdadeiro romance o d'este infeliz.

Quando eu principiei a conhecê-lo chegava elle de Londres, e hospedara-se no *Hotel d'Italia* de que era então proprietario o Barrabim, que dava uns finissimos jantares de peixe ás sextas feiras, e tinha o melhor *cognac* conhecido em Lisboa, logo abaixo do que possuia o marquez de Niza e que lhe fôra vendido pelas irmãs da caridade.

Eu nada sei da adolescencia de Maia Ferreira, e só lhe ouvia fallar ás vezes no padrinho, um homem rico se bem recorde. Dos paes nunca lhe ouvi dizer palavra, nem das rasões por que vivera algum tempo no Rio de Janeiro, e depois em Nova York d'onde viera á Europa para deslindar o negocio de um vapor, que eu vi fundeado no Tejo durante dois ou tres annos, até que um bello dia foi arrematado em praça, a requerimento não sei de que casa commercial da America.

Quando eu conheci Maia Ferreira, á mesa redonda do *Hotel*

d'Italia, devia elle ter uns trinta annos. Era um rapaz baixo, de suissas á ingleza, enorme bigode, cabello ligeiramente ondulado, e vestindo irreprehensivelmente. Quem reparasse bem n'elle havia descobrir no seu sorriso um fundo de melancolia, que elle desfarçava atirando-se ás cegas a todas as tentações, desde os prazeres da mesa até ás seducções dos bastidores do theatro, desde as vergonhas do lupanar, até aos requebros das salas em que fôra admittido pela apresentação de um dos seus raros e fieis amigos o Barão de S... ou em companhia de F. P. ou de J. H.

Eu n'esse tempo era um rapaz alegre, fallador, dicaz e disposto a aproveitar do presente, sem me inquietar com o futuro. Maia Ferreira affeiçoou-se-me naturalmente pelo contraste que havia entre o character d'elle e o meu, entre a espontaneidade da minha alegria, e o contrafeito do seu viver artificial.

Generoso até á prodigalidade, sonhava de noite em como havia gastar de dia o seu dinheiro, e por isso era o idolo dos cocheiros de praça, dos garotos que faziam recados no Chiado, das damas das camelias que o encontravam nos bailes de mascaradas do Café concerto. Foi n'um d'estes bailes, dados, no salão do theatro da Trindade que Maia Ferreira conheceu as irmãs B... todas, excepto uma d'ellas, já tendo a quem dar contas dos mascarados com quem cejavam, e, por uma compostura convencional, não tomando nunca parte no remoinho das walsas, e menos ainda no desabrimento vertiginoso do cancan. Maia Ferreira tomou este retrahimento das irmãs B... por honestidade de familia, e apaixonou-se pela unica d'ellas que ainda a esse tempo dispunha da sua liberdade.

Narro este episodio, que em breve se prenderá com o desfecho romanesco da vida de Maia Ferreira, para provar que os enredos dos dramas, nem sempre nascem da imaginação dos auctores, sendo muitas vezes copia fiel dos lances, embora inverosímeis da vida real.

Cantava por este tempo em S. Carlos a Parepa, soprano de formas arredondadas, de voz fresca e agil, e que o publico aceitava como ainda então se aceitavam as mediocridades, applaudindo-as sem pensamento reservado. Já um pouco esquecido da facil conquista que no carnaval findo fizera no Café-Concerto, Maia Ferreira remonta o vôo, e passando das palmas ás corôas de louro, e das corôas de louro ás missivas ardentes e apaixonadas, logrou, primeiro ter ingresso no camarim da diva, e depois no seu proprio domicilio...

Estas aventuras amorosas não o impediam de dar popularidade ao Hotel do Barrabim, proporcionando-lhe amiudados pretextos á exhibição dos seus vinhos velhos e do seu *cognac* sem rival.

Ha poucos dias ainda encontrei eu o Barrabim no Chiado, vermelho como uma lagôsta, que me disse com um certo ar de triumpho que estava quasi a fazer oitenta annos, terminando pela confidencia intima de que ainda possuia uma garrafa, uma unica do tal *cognac* meu conhecido, e de que tantas e tantas garrafas tinham sido desrolhadas a pretexto... simplesmente de as beber e mais nada.

A passagem de Maia Ferreira por Lisboa foi como um relampago. Conhecia-se que lhe ia faltando o dinheiro mas o credito fazia as suas vezes, e Maia Ferreira continuava fumando uns charutos, que em tempos felizes mandara vir da Havana, e de que arrumadas ás paredes do seu quarto de dormir se viam duzias e duzias de caixas já vazias.

Em Lisboa, ainda elle poude sustentar até ao fim a parte brilhante do seu romance, que tão tristemente se havia desenlaçar longe da patria. Maia Ferreira partiu para o Rio de Janeiro, não sei com que idéas, nem com que intenções. Partir para o Brazil, a não ser de pé descalço, ou pelo menos sem meias, é correr a uma ruina certa.

Ora, Maia Ferreira, o janota, o homem costumado a considerar a vida como uma réde americana, em que as crioulas se baloiçam em suaves oscillações, sem solavancos, nem perigos, não era, nem podia vir a ser o marçano hirsuto que leva pela cara com um bacalhau, em ar de graça do patrão de uma loja afreguezada de seccos e molhados.

Foi; o que elle por lá tentou ignoro-o, mas devia ser um verdadeiro supplicio.

Passados annos disseram-me: Você sabe o que foi feito do Maia Ferreira?

—«Eu, não; respondi tremendo de esclarecer o mysterio.»

—«Pois saiba que o seu amigo chegou em terras de Santa Cruz...»

—«A pedir esmola?»

—«Peior do que isso. A sentar praça por um recrutado, durante a guerra do Paraguay.»

—«E morreu no campo da batalha?»

—«Peior do que isso, acrescentou o meu informador.»

—«Pois ha ainda peior do que morrer?»

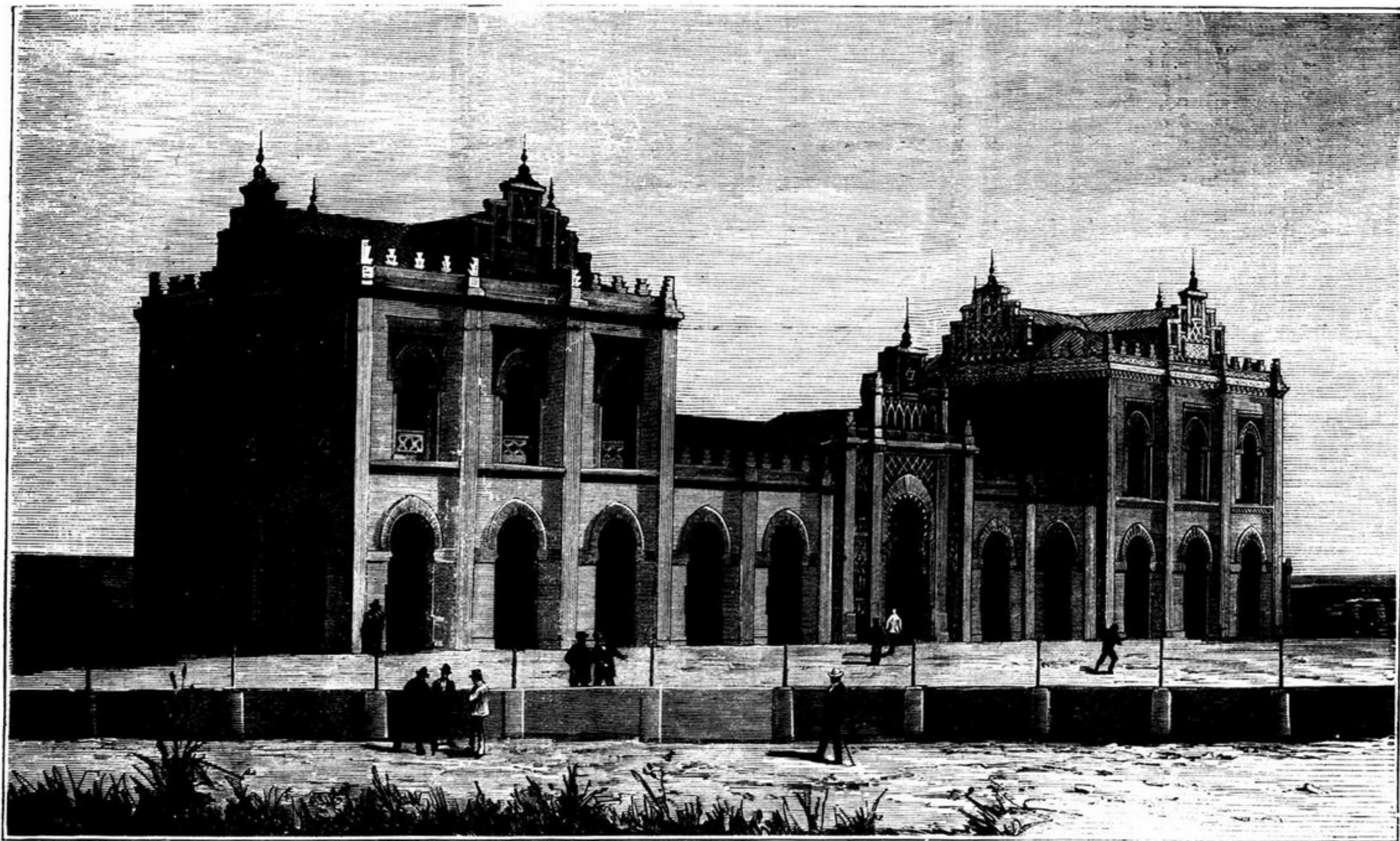
—«Ha. O desertar depois de jurar bandeiras.»

—«E depois?»

—«Depois, é que veio a morrer no hospital.»

Como não tenho pretensões a philosopho, não fiz commentarios. Virei a cara ao meu interlocutor, limpei as lagrimas, e puz-me a conversar acerca de muitas coisas alegres... todas tristes.

Passaram os annos. Em um dos dias de exames do Conser-



ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE HUELVA A SEVILHA

vatorio, em 1882, se me não engano, encontrei no grande corredor que dá entrada para as aulas, uma das irmãs da rapariga que Maia Ferreira cortejara nos bailes de mascaras do Café Concerto. Dirigi-me a ella, e só então repari que vinha acompanhada por uma formosa menina de dezeseis para dezeseite annos, fransina, melancholica, acanhada, denunciando no seu todo o cunho da resignação que a fatalidade impõe aos seus escolhidos.

—«Esta menina, disse eu, devia matricular-se no Conservatorio. Não se envergonhe, e dê-me licença para lhe dizer que é uma belleza. Ande, matricule-se, e tenha fé no futuro.

A pessoa que a acompanhava, que era uma das tias, que eu conhecera nas folias doidas dos bailes de mascaras, respondeu-me pela sobrinha:

«—Não póde matricular-se, é muito fraca do peito.

E chamando-me ao desvão de uma janella, perguntou-me:—

«—Não a conhece?»

«—Eu, não. Respondi, muito intrigado com a pergunta.

«—Pois não a conhece? E' a filha do Maia Ferreira!

Dirigi-me então novamente á menina, que ficára esperando que a tia voltasse, e perguntei lhe:

«—Nunca conheceu seu pae?

«—Nunca! Respondeu, fazendo-se vermelha como uma romã.

«—Nem retratado?

«—Nem retratado.

«—Pois então peço licença para lhe offerecer o retrato de seu pae, que elle me deu ha já bastantes annos».

E fui, correndo, a minha casa, buscar a magnifica photographia com que Maia Ferreira me brindára, e que talvez eu só ainda guardasse, de tantos, chamados seus amigos, que elle julgára presentear dando-lhes o seu retrato.

Um secco «muito obrigado» foi o unico signal de agradecimento da pobre menina.

Mas depois, ainda não tinha talvez passado um anno, encontrei a tia na rua larga de S. Roque, e a minha primeira pergunta foi:

«—Então a sua sobrinha?

«—Morreu! Antes Deus a levasse. Pois não acha?

Não lhe disse que sim, nem que não; mas para não ficar sem dizer alguma coisa, perguntei machinalmente:

«—E de que morreu?

«—Pois o senhor não a viu? Então aquellas rosetas na cara podiam mentir? Foi tísica que ella morreu, mas resta-me a consolação de que nunca lhe faltou... nem o medico nem a botica, o que significava dizer que lhe faltára tudo o mais, isto é, as alegrias dos *pierrots* e das *jardinières*, que haviam embalado os amores nascentes de seus paes.

Se eu não temesse de ser accusado, e de fingir de moralista, diria:

«—Que mundo!

Temendo, não digo nada.

L. A. PALMEIRIM.

ROMANTICISMO

Essa, que da minh'alma foi o alento
—já fatigado, e n'um marmoreo aspecto,
dormiu sobre o meu seio—então repleto
dos effluvios azues do sentimento.

Hoje, distante d'esse amor violento,
é quem me faz sentir, d'um modo abjecto,
o quanto ao coração custa um affecto
sublimado no odio que alimento.

Porém, vendo-a passar, (quando a lembrança
de seus beijos me avulta na memoria)
dá-me tanto prazer, tanto me cança

o extasis de vel-a!... que eu supponho
que hei-de morrer de amar, cheio de gloria,
estrangulado de volupia e sonho!

Barcellos.

ANTONIO FOGAÇA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O COMMANDANTE HERIOT

Fundador do Asylo militar de orphãos da Boissière

O commandante Heriot, de quem os jornaes francezes tanto se tem occupado agora, servio, como chefe de batalhão no 142 de linha. Em 1880, tendo sido chamado, por morte de seu irmão, a dirigir os grandes armazens do Louvre e tornando-se possuidor de uma fortuna consideravel, o seu primeiro pensamento foi prestar um serviço importante ao exercito francez e testemunhar, de

uma forma a não deixar duvidas, o entranhado amor que tinha por elle. N'esse intuito, o commandante Heriot levantou, no parque de uma das suas propriedades, na Boissière, um vasto e grandioso edificio, onde instituiu o Asylo Heriot, destinado á educação dos filhos orphãos dos soldados francezes.

O Asylo, que é um modelo no seu genero, custou dois milhões de francos. Além d'isso, o commandante Heriot deu mais um milhão de francos, para fundo da *sympathica* instituição por elle creada e doada generosamente ao governo.

A entrega official do Asylo Heriot ao ministro da guerra, realisou-se, com grande solemnidade, no dia 4 do corrente mez. Em janeiro proximo futuro terá logar a inauguração.

VIRIATO, O PASTOR DOS HERMINIOS

A nossa gravura representa o famoso pastor do monte *Herminio*, o denodado capitão que derrotou os generaes romanos *Vetilio*, *Plancio*, *Unimano*, *Fabio Maximo* e *Serviliano*, em bem feridas batalhas, para vingar o horrivel massacre das hostes lusitanas, infligido por *Sergio Sulpicio Galba*.

Viriato, depois d'estas façanhas, que tornaram o seu nome immorreitoiro, foi apunhalado á traição por tres traidores infames, quando dormia tranquillamente, sobre os loiros das suas brilhantissimas victorias.

UM ESPECTACULO DIVERTIDO

Nunca os pequenos da nossa estampa apanharam um regafofe maior e mais completo.

E' ver a attitude embasbacada que elles tomam diante d'aquellas *marionnettes*, principalmente o rapazote collocado no grupo á direita do observador, que parece querer saltar para junto dos fantoches, tal é a doida alegria da sua alma infantil, provocada por aquelle espectáculo nunca visto.

ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE HUELVA A SEVILHA

A linha ferrea de Sevilha a Huelva, mede uma extensão de 110 kilometros e passa por povoações importantes, como são *Camas*, *Salteras*, *Villa Nueva del Ariscal*, *Sanlucar la mayor*, *Beneazon*, *Aznalcázar*, *Huevar*, *Villalba del Alcor*, *La Palma*, *Villarrasa*, *Niebla* e *San Juan del Puerto*.

A nossa gravura representa a estação d'esta linha ferrea em Huelva, cidade de muito movimento commercial, situada n'uma das regiões mais importantes da Hespanha pela sua riqueza mineralogica e agricola.

A RAINHA IZABEL DE INGLATERRA

O assumpto d'este quadro é tão conhecido, que nos dispensa de o desenvolvermos aqui.

Tres das mais eminentes tragicas italianas, *Ristori*, *Pezzana* e *Paladini* deram o maior relevo em scena a este personagem que a historia nos descreve com toda a altivez de um character impressionavel mas resolutivo, vigoroso e austero, que nenhum poder seria capaz de abrandar, quando nos impetos do seu despeito ou de terrivel colera erguia o fulminante olhar e impunha a sua vontade soberana.

A nossa estampa representa-a n'um lance de hesitações, ao assignar a sentença de morte a *Maria Stuart*.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

Aqui não é boa e serve para repousar—1—1

E' appellido na musica este rio—1—1

Appellido de Christo na egreja—1—2

C. A. DA SILVA & C.^a

CHARADAS EM VERSO

Procure, leitor,
Mas sem descaçar,
Em todo o alfabeto,
Que lá devo estar.—1

E não desanime
E' continuar,
Pois isso é *signal*
Que hade decifrar.—1

Vamos, pense n'isto,
E torne a pensar,
Pois é *proveitoso*
'star a matutar.

MATHEUS JUNIOR.

(Retribuição, aos illustres charadistas portuenses M. M. & M.)

Conspicuos Charadistas:

Deixae que eu venha só, aqui, n'este momento,
Perante vós, humilde e com acanhamento,
Agradecer a vossa insigne producção,
Vindo fazer tambem um pobre off'recimento
P'ra que peço attenção:

Subia já o sol; por sobre essas campinas
Era tudo alegrias; as aves matutinas
Esvoaçavam já nas sebes, nas roseiras.
Divisavam-se ao longe os grupos das ceifeiras,
Que vinham começar das terras o amanho;
Depois, a pouco e pouco, appar'cia um rebanho,
Descendo dos curraes, mui paulatinamente,
Emquanto o lavrador arava mansamente
E o sol ia galgando as floridas campinas,
Ao som do gargantear das aves matutinas...

Caminhava sósinho ao longo d'esses prados,
Admirando da terra os trigos bellos, grados,
De espingarda na mão, com ar de caçador,
Quando ao chegar ao pé d'uma balseira em flôr
Se me off'receu um quadro original, sublime,
Mas que não impediu de eu commetter um crime;
—Era uma coelha nova; estava junto á loura,
Com os filhitos seus, muito acariciadora,
Se algum lhe ia pedir sustento ou agasalho,
A's vezes, vinha um ao tronco d'um carvalho,
Nas patinhas firmado e a cabecita erguida.
Parecendo pedir-lhe a protecção e a vida,
Como se a arv're fosse o deus lá do seu céu...—
Passou-me, então, p'la vista um negro e denso véu:
Levando a arma á cara e sem ver que faria,
Disparo o tiro, emfim!.....
.....Escureceu o dia;
O sol foi esconder-se atraz da cerração;
O vento já estrugia, e como um furacão:
Não se ouvia sequer cantar o rouxinol,
Que canta alegremente ao levantar o sol.—2
Era tudo sombrio, era tudo tristonho,
Como é do vendaval o retumbar medonho!...
E eu, apavorado, andei por esses prados,
Calcando sobre os pés os trigos bellos, grados...

E sabem porque fui, correndo sem destino,
Por esses campos fóra, igual ao assassino,
Cahindo aqui e além, nos charcos, e nos lodos?
—Foi por matar a coelha e os filhinhos todos!

Por isso, meus leitor's, se succeder tambem
Verdes coelhos assim, não os mateis jámais!
—Deixae sempre viver os filhos com a mãe—
Nos manda a religião, que ensinam nossos paes!

Castello Branco

A. MERUJE.

Problema

Dividir qualquer multiplo de 81 por este numero, fazendo apenas uma subtracção e duas sommas.

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DAS CHABADAS EM VERSO:—Passaporte—Alameda—Crótalo.
DO LOGOGRIPHO:—Penipotenciario.
DO ENIGMA:—Sobrecasaca.

A RIR

Um chefe de *claque* apresenta se ao director de um theatro, que vae abrir as suas portas ao publico.

—Sabe as suas obrigações? pergunta o empresario.

—Sei-as de tal modo, que faço o que quero do publico.

—Tem a certeza de fazer bisar um trecho designado?

—Tenho a certeza de fazer bisar tudo. Sou capaz de fazer repetir os intervallos.

Authentico.

Jorge teve ultimamente bexigas. Melhorou, e a mamã está a perguntar-lhe a lição de geographia.

—Dize-me, Jorge, o que é um Estado?

—Um estado, responde Jorge, é quando a gente tem bexigas...

—Porquê? pergunta a mãe surprehendida.

—Porque a mamã, quando eu estava doente, dizia sempre ao medico: «Veja, doutor, o estado em que elle está.»

UM CONSELHO POR SEMANA

COLLYRIO CONTRA A INFLAMMAÇÃO DOS OLHOS

Fervem-se, durante meia hora, 5 grammas de flores de malvas em 300 grammas d'agua, cõa-se e juntam-se-lhe 10 centigrammas de chloreto de mercurio.

Banham-se os olhos pela manhã e á noite.

NO ALGARVE

III

Quatro dias de liberdade, longe das prosaicas secretarias e da poeira dos manuscriptos avelhantados, n'um meio puro de bello ar, impregnado de emanações salinas, e á luz benefica do sol de setembro.

De manhã o almoço servido por uma velhinha miuda, enrugada, cõr de marfim velho, risonha como as creanças boas. Pela tarde um delicioso *far-niente*, na contemplação serena dos grupos de banhistas alemtejanos, que desfilavam pela praia, lençol a tiracollo e trajos pittorescos de estamena.

Ao *toast* tres ou quatro intimos, d'aquelles que nos recebem de braços abertos, riso franco e ruidoso.

Ao fechar do crepusculo uma vista de olhos pelos arrabaldes arenosos. E á noite, enquanto a lua pallida e triste se remirava, vaidosa e tremula, nas cristas das ondas orladas de espuma, o *monde* bohemio do mestre Dallot recebia os nossos melhores applausos, disparados perdulariamente com a mais sincera das gargalhadas, e com grave prejuizo da nossa compostura abdominal.

O indigena ria a bom rir, boca escancarada, olhar brilhante de lagrimas alegres, enlevado e expansivo de gozo.

Mais abaixo alinhavam-se os sisudos, os entendidos, riso de mofa nos labios desdenhosos: eram os politicos, os serios, os importantes, os vultos, que desmanchavam o conjuncto harmonico d'aquelle regosijo popular, com os seus sobres, com as suas exigencias de revelações artisticas nos grupos heterogeneos das companhias ambulantes, nascidas do povo, sustentadas pelo povo e feitas para o povo.

Deixem rir as massas.

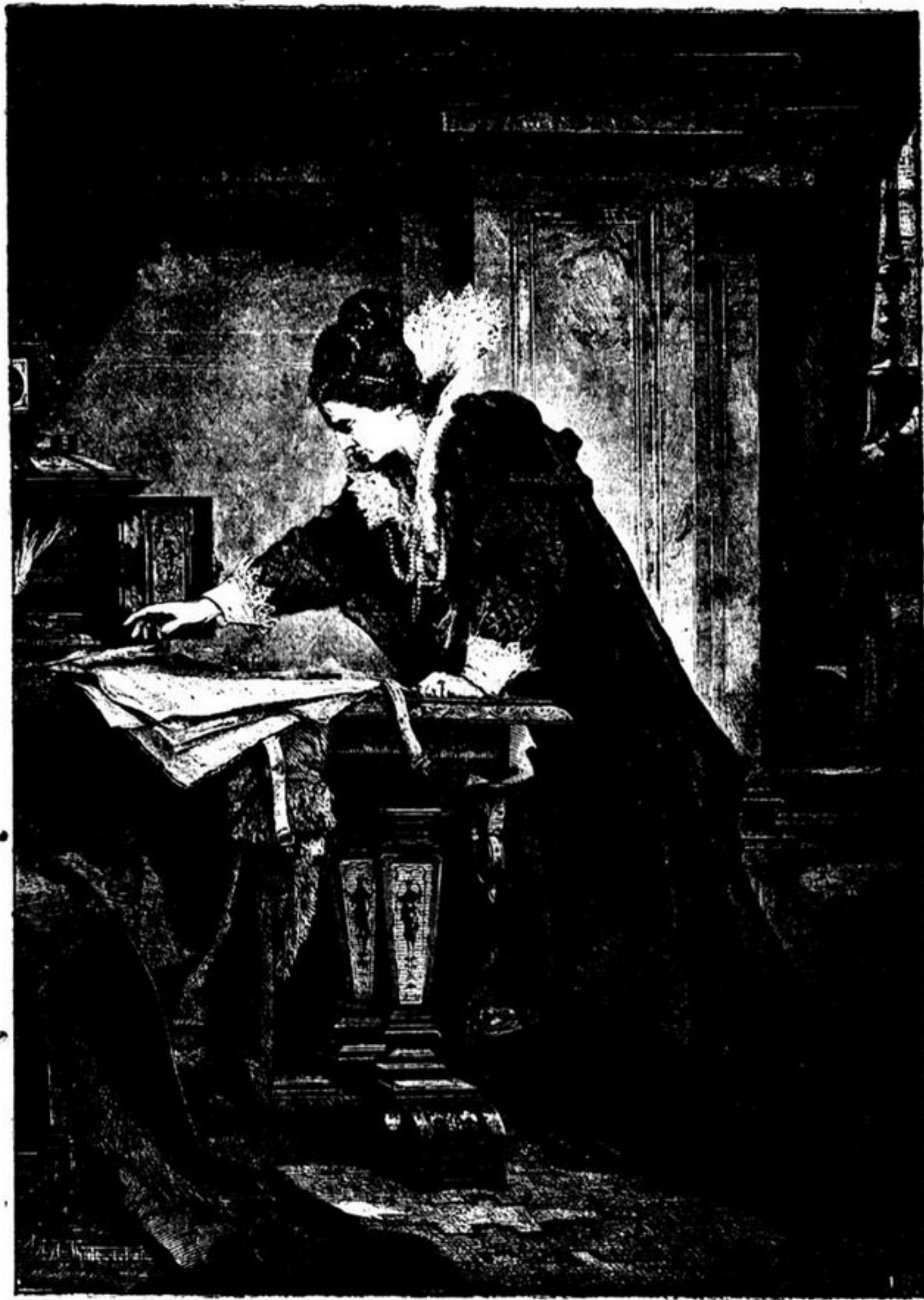
O *Zé* adora as situações comicas, não se revolta contra a pronuncia menos correcta e boceja ao desenrolar de tiradas philosophicas. Guardem as grandes concepções da arte e da metaphisica para os seus gabinetes de estudo e deixem que a alma popular, tão susceptivel de commover e de arrastar, vibre com todo o entusiasmo da sua sensibilidade rude mas bõa.

Quatro dias de liberdade, escoados rapidamente, comprimento aqui, apertos de mãos ali, saudações acolá.

—Eh! dá ca um abraço! Eu sabia que chegaste. Ia logo lá...

—Quando quizeres; obrigado...
 —Vens magro, homem! que diabo te fizeram?
 —Que queres? outros ares...
 —Olha o sr. fulano!! então como esta *vocemecê*? Lá a minha
 companheira é que o viu hoje e vae eu *antão* disse logo, diz:
 «pois vou vel-o tambem; não, que as pessoas da nossa criação
 são, mal comparado, bem comparado...»
 —Todos bons lá por casa, hein?
 —Vae-se vivendo como Deus é servido. *Vocemecê* é que vem
 mais velho...

Pareceu-me n'esse instante que a temperatura subira de alguns
 gráus: foi talvez o sol que me afogueou, apontando para um
 fiosinho nevado que descia sorrateiramente.



A RAINHA IZABEL DE INGLATERRA

E ao embate d'aquella franqueza, brutalmente sincera, no
 fondo d'aquelle espelho, eu vi surgir de repente todo um grande
 passado de dias festivos, aureolados de luz, de expansões, de go-
 zos fugazes, de vertigens, de sonhos, de puerilidades adoraveis,
 que ainda hoje, de longe em longe, amenizam as agruras d'esta
 encruzilhada d'espinhos que rasgam carnes e deixam no espirito
 um desalento cobarde.

Cosmorama phantastico! As primaveras succediam-se ás pri-
 maveras; as imagens passavam uma a uma, frescas e risonhas;
 aqui e ali, em relevo doirado, scenas remotas, palpitantes de re-
 cordações; ancias; febres; risos; alvoradas luminosas; noites quie-
 es e mornas: e tudo isto confuso, como amalgamado, n'um galope
 desesperado, mas em silencio, enchendo todo, um valle coberto
 de destroços informes, como as ruinas d'algunha cidade abando-
 nada e maldita.

Sentira um reconforto suave no relembrar d'essa longa co-
 media sem epilogo, que se interrompera ali, n'aquellas paragens:
 veio a necessidade imperiosa de ver, de palpar, de analysar
 a immobilidade silenciosa e magestática das coisas, as datas de
 outros dias. E ellas lá estavam, gravadas n'esse grande livro de
 folhas abertas, marcos solitarios engravados na beira de cantei-
 ros seccos.

Eramos tres por esse tempo. Dois partimos. O outro ficou,
 como molusco pegado ao rochedo.

Aos seus trinta annos vazios e inu-
 teis faltava esse alguma coisa divino que
 illumina o viver dos tristes, que põe risos
 nos labios e sonhos radiantes no cerebro.
 E um dia, em maio (?), ao esmorecer da
 tarde, duas mãos enlaçavam-se para sem-
 pre, em quanto cá fóra as primeiras ando-
 rinhas chilreavam nos beirões dos telha-
 dos, e as ultimas nuvens adelgaçadas de-
 bandavam para o sul.

O ar puro e agudo. Como que se pre-
 sentia o abrir das flores e o germinar len-
 to das sementeiras, na serena tranquillidade
 da atmosphaera. Ali perto, nos campos,
 haveria largas courellas de verdura
 crivada de margaridas brancas e pequeni-
 nas, hervagens pujantes, sombras frescas,
 pomares, fios d'agua limpida nas velhas
 levadas, rebanhos de ovelhas mansas se-
 guindo os atalhos, uma abobada azul por
 docel, e o sol que descia, acariciando com
 o seu olhar morno a elaboração pausada e
 mysteriosa da natureza em festa.

Assim elle ficou preso áquella boa
 rapariga que um dia lhe atirou aos braços
 com uma creaturinha rochunchuda e ro-
 sada que mais o enlaçou aos encantos d'es-
 se lar modesto, mas feliz como as consci-
 encias sem mancha.

A' porta d'aquella casa senti-me inva-
 dir por um alvoroço de alegria. Lá estava
 o mesmo sophá, o mesmo album, o mes-
 mo espelho, a mesma decoração, os mes-
 mos adornos, como dois annos antes os
 deixara, como se a contemplação d'uma
 ventura nunca interrompida os immobili-
 sara: pareciam sorrir.

Eram já quatro. O *ménage* augmenta-
 ra-se de mais um rebentão-garotito robus-
 to, sadio, olhos vivos, instaveis e boca ver-
 melha. A outra, a primeira, crescêra, e a
 sua fronte serena, e o seu olhar perscruta-
 dor davam-lhe o aspecto d'uma pequeni-
 na mulher de seis annos.

As nossas mãos apertaram-se; e n'es-
 se *shake-hands* rasgado não houve o tom
 ceremonioso da pedanteria enluvada.

A rapariga franzina d'outros tempos
 desaparecêra para dar lugar á mãe ale-
 gre, radiante, cuidadosa do seu ninho, on-
 de se reflectia em todo o brilbantismo a
 união purissima d'aquellas existencias pla-
 cidias e festivas.

Como que se povoou de crenças e de en-
 thusiasmos juvenis a aridez da minha alma,
 n'esse ambiente suave e reconfortante.

E que longa conversação desafecta-
 da, simples, relembrando coisas passadas,
 momentos fugidios, casos comicos, peripe-
 cias risonhas, na linguagem simples e chã
 da nossa amizade de então!

Quando sai levei nos labios o perfume d'um beijo da peque-
 na Arminda, suave como um beijo de luz.

Assomava pelo oriente a aurora. Na minha frente estendia-se
 a estrada do littoral, como uma extensa facha pardacenta a des-
 tacar nas sombras indecisas. Quando o carro partiu, elles, uns
 amigos bons, ficaram parados á beira do caminho.

E pouco depois, trazido nas azas da aragem, ouvi ainda ao
 longe, muito ao longe, em vibrações fracas, este grito, suave co-
 mo uma consolação: —*Farewell!*

LORJÓ TAVARES.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica